

ARTE E HISTÓRIA: O MUSEU AFRO BRASIL E O PAPEL DA CURADORIA NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA MUSEAL

Isla Andrade Pereira de Matos¹

INTRODUÇÃO

O Museu Afro Brasil foi criado no ano de 2004 através da iniciativa do artista baiano Emanoel Araújo, sob a proposta de desconstruir o imaginário da população negra, associado à escravidão, reforçar a autoestima dessa população excluída ao longo da história nacional, transformar para a igualdade e o sentimento de pertencimento e estabelecer a inclusão social deste grupo e o respeito à cultura de matriz africana.

Refletindo sobre o papel do museu e a forma pela qual as exposições são produzidas, ao visitante não é possível apreender o conteúdo exposto por meio de uma breve apreciação, uma vez que as peças não fazem parte de uma vitrine através da qual são observadas e contempladas simplesmente. Por trás das obras, existe uma narrativa construída a partir de conceitos teóricos, valores e pressupostos e, por isso, necessita de um esforço reflexivo para que seja estabelecido não apenas o diálogo com o visitante, mas, principalmente, para que se compreenda a proposta museológica por meio dos objetos.

Neste sentido, a configuração expositiva do Museu Afro Brasil, antes de ser compreendida como histórica - porque abre oportunidade à discussão historiográfica sobre os negros na América Portuguesa e sua trajetória de composição da identidade brasileira -, é, sobretudo, artística, na medida em que se vale de uma lógica simbólica e elementos de representação de um determinado momento da história, como é o caso da instalação *Navio Negreiro*, projetada para trazer ao visitante sensações de desconforto acerca do tráfico negreiro, das condições dos embarcados e do seu cotidiano, embora não haja menção alguma sobre a historicidade ou autenticidade da embarcação presente em uma das salas do museu.

¹ Mestranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Portanto, uma análise histórica deste museu convida, antes de tudo, a uma análise curatorial, levando em consideração as concepções artísticas que compõem a exposição e sua relação com os fatos históricos, permitindo a desconstrução de estereótipos e a construção de novos saberes sociais. Assim, o objetivo desta reflexão é relacionar arte e história e suas possibilidades na produção de saberes.

1. MUSEU AFRO BRASIL E SEU PROJETO CURATORIAL

O Museu Afro Brasil foi inaugurado em 2004 através do Decreto Municipal nº 44.816, de 1º de junho de 2004, durante a gestão da então prefeita Marta Suplicy, tendo sido o artista plástico baiano Emanuel Araujo o responsável por sua criação.

Atualmente diretor executivo e curador do museu, Emanuel Araujo formou-se na Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia, desenvolvendo-se na gravura e na escultura, atividades que lhe renderam reconhecimento e premiações em âmbito nacional e internacional. Amante das artes, tornou-se também colecionador, com a qual foi possível dar início ao acervo do Museu Afro Brasil.

Seu envolvimento na realização de exposições com o foco na arte e história afro-brasileiras se deu a partir de sua participação no II Festival de Arte e Cultura Negra, realizado em Lagos, Nigéria, em 1977: “Minha coleção com objetos afro-brasileiros tomou corpo em 1976, quando fui para a Nigéria (África) para o (II) Festival de Arte e Cultura Negra (...) (ARAÚJO, 2006, *apud* SOUZA, 2009).

O Museu Afro Brasil, como uma instituição social que elege o que mostrar e ocultar, configura-se também como um espaço educativo pelas representações sociais passadas e presentes que escolhe, desconstruindo o imaginário subalterno da população negra e transformando-o em prestígio e pertencimento.

Assim, cabe destacar alguns dos principais objetivos do Museu Afro Brasil, presentes em documentos institucionais, bem como verificar sua adequação ao espaço museal, atentando para como suas propostas apresentam-se na prática.

Configura-se como objetivo geral deste museu a promoção do reconhecimento, valorização, preservação e difusão da arte, da história e da memória cultural brasileira, tendo como referência a

presença luso afro brasileira, indígena e africana, cuja instituição seja capaz de colaborar na construção de um país mais justo e democrático, igualitário do ponto de vista social, aberto à pluralidade e ao reconhecimento da diversidade no plano cultural, mas também capaz de reatar os laços com a diáspora negra, promovendo trocas entre a tradição, a herança local e a inovação global.

Quanto aos objetivos específicos, são diversos, mas cabe destacar dois deles: promover ações que fortaleçam a autoestima positiva da população negra e reconhecer a matriz afroatlântica na identidade da cultura nacional.

No que diz respeito ao conceito museológico, a curadoria explica: um museu que possa registrar, preservar e argumentar a partir do olhar e da experiência do negro a formação da identidade brasileira; um museu brasileiro e um museu da diáspora africana, que busca a desconstrução de estereótipos e a união entre história, memória, cultura e contemporaneidade para narrar uma heroica saga africana, desde antes da trágica epopeia da escravidão até os nossos dias, incluindo todas as contribuições possíveis, os legados, participações, revoltas, gritos e sussurros que tiveram lugar no Brasil e no circuito da diáspora negra. Desta forma, o Museu Afro Brasil é um museu de história, de memória, de artes.

Com relação ao acervo, este é composto de pinturas, esculturas e gravuras, de artistas brasileiros e estrangeiros, além de fotografias, livros, vídeos e documentos, e serve de suporte para se compreender a diversidade cultural africana e para aprender sobre a presença negra na cultura brasileira.

É importante ressaltar que as exposições do Museu Afro Brasil se dividem em longa e curta duração, e mesmo que a exposição de curta duração busque discutir questões ligadas à cultura brasileira como um todo, é na exposição de longa duração que a proposta do museu se torna mais evidente e, portanto, foi também o tema eleito para análise.

Sendo a proposta desta reflexão relacionar arte e história, bem como suas possibilidades na produção de saberes, faz-se necessário uma análise acerca da composição museográfica do Museu Afro Brasil, reconhecendo os pontos de convergência entre a narrativa apresentada pelo projeto curatorial e a exposição. Desta forma, cabe refletir, analisar e interpretar aquilo que é observado, juntamente com o contexto histórico e cultural da peça, para que seja realizada a leitura das obras na exposição artística.

2. A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NO ESPAÇO MUSEAL

Ao adentrar o espaço expositivo, o olhar do visitante está voltado para a diversidade cultural africana, que se apresenta nas mais variadas formas, cores, texturas, tamanhos, materiais e proveniência das peças expostas, como ocorre com as vitrines de joias, máscaras e estatuetas, por exemplo, revelando as culturas africanas, na dimensão da pluralidade, e não a cultura africana, como comumente é nos referimos à África.

A exposição de longa duração, ocupando-se da difusão da cultura africana e afro-brasileira, está dividida em seis núcleos temáticos, a saber: 1. África: Diversidade e Permanência; 2. Trabalho e Escravidão; 3. As religiões afro-brasileiras; 4. O sagrado e o profano; 5. História e memória; 6. Artes Plásticas: a mão afro-brasileira.

Cada um dos núcleos do acervo do museu discute questões específicas ligadas à cultura africana e afro-brasileira, como a diversidade das culturas africanas; o papel dos africanos escravizados e seus descendentes na construção da sociedade brasileira, revelando a violência por eles sofrida e suscitando o debate sobre as diferentes estratégias de resistência; a religiosidade afro-brasileira, composta pela sobreposição de religiões de diferentes povos africanos, com suas especificidades e cosmologia diversa daquela cristã ocidental; o sincretismo religioso estabelecido na América Portuguesa, não de forma voluntária, mas impositiva; a história e memória das personagens negras que se destacaram ou tiveram participação em diversas áreas da história do Brasil, como na música, no esporte, no teatro, na literatura e nas artes.

Com relação ao espaço expositivo, não há divisão exata entre os núcleos temáticos, com salas específicas. Ao contrário, todo o espaço da exposição, que está localizado no segundo andar do Edifício Manoel da Nóbrega, está dividido por cores, que identificam cada núcleo. Também não há ordem de visitação, sendo livre a visita, podendo iniciar-se por qualquer uma das extremidades do salão.

As peças foram selecionadas de modo a desconstruir o imaginário da população negra, romper com o estereótipo da escravidão, compreendendo o negro como personagem ativo enquanto escravo de ganho, na mineração do ouro, na construção do barroco e do rococó, na Academia Imperial de Belas-Artes, na música, na ourivesaria e nos campos de batalha, como na expulsão

dos holandeses, na guerra da Independência da Bahia e na Guerra do Paraguai. Desta forma, cada núcleo explora sua temática, como será exposto a seguir.

No núcleo África: Diversidade e Permanência, o foco está exatamente em explorar as culturas africanas que existem no continente. Isso pode ser observado pela grande quantidade de peças provenientes de diferentes lugares da África, cuja arte e técnica são diferentes entre si. Peças até mesmo de uma origem nacional comum, de um mesmo país africano, são identificadas como de povos distintos, revelando a diferença étnica em um mesmo país,

A escravidão, que teve lugar na história no Brasil por três longos séculos, não poderia deixar de fazer parte do acervo. Apesar das marcas que imprimiu ao nosso país, não pode ser escondida. Por isso, o núcleo Trabalho e Escravidão também encontra espaço na exposição, o qual apresenta ao visitante peças pertencentes a uma moenda de cana-de-açúcar, juntamente com reproduções em grandes painéis de imagens produzidas pela comissão francesa de arte no Brasil, mostrando que o funcionamento da indústria do açúcar nos séculos XVI e XVII dependia essencialmente de mão-de-obra escrava. Além disso, o trabalho doméstico também está contemplado, representado pela presença de utensílios utilizados na cozinha, mostrando o preparo dos alimentos, e também a exposição de ferramentas domésticas, revelando um outro tipo de atividade desempenhada por negros. Instrumentos de punição utilizados em escravos tidos como indisciplinados também são apresentados, como a gargalheira, o libambo e o vira-mundo.

Acerca da religiosidade, há dois núcleos, As religiões afro-brasileiras e O sagrado e o profano, o primeiro que se ocupa das religiões de matriz africana, que são várias (não apenas a umbanda e o candomblé, que são as mais conhecidas), e o sincretismo religioso que se deu entre estas religiões e o cristianismo.

Em História e memória, o objetivo é apresentar o negro como parte da sociedade brasileira, que de fato pertence a ela e a construiu ao lado de outros grupos étnico-culturais. Personalidades como Elza Soares e Milton Nascimento são os representantes negros na música, Grande Otelo na dramaturgia, e Milton Santos como referência nacional e internacional no campo na acadêmico-científico.

Artes Plásticas: a mão afro-brasileira é voltado para a exposição de quadros que tenham autoria de artistas negros ou cujas obras sejam a representação da pessoa negra. Dentre os artis-

tas, figuram Benedito José Tobias e Estevão Roberto da Silva. O mestre Aleijadinho, como ficou conhecido o artista Antônio Francisco Lisboa, responsável por importantes obras de arte religiosa nas cidades mineiras do século XVIII, faz parte do rol de artistas.

Desta forma, ao se analisar tanto a museologia, ou seja, “o pensar-se o museu”, quanto a museografia, o “fazer-se o museu” (SUANO, 1986, p. 79), nota-se uma correspondência entre a proposta e a prática do museu na exposição de longa duração. Resta saber como se dá a aceitação ou não do público sobre esta temática, mas isto é assunto para outro momento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Porque visitar museus. IN: BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- FUNARI, Pedro Paulo. Fontes arqueológicas: os historiadores e a cultura material. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- MINAS GERAIS. Cadernos de Diretrizes Museológicas 2: Mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais; Superintendência de Museus, 2008.
- MUSEU AFRO BRASIL. *O Museu Afro Brasil*. São Paulo: Banco Safra, 2010.
- MUSEU AFRO BRASIL. *Roteiro de visita ao acervo*. 2ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.